

Moreira César na poesia popular

No ciclo folclórico de Canudos, um dos mais ricos do populário brasileiro, Moreira César aparece constantemente. Está no primeiro plano. Nas estórias e nos versos. Xavier de Oliveira, registrando observações colhidas no Interior cearense, anotou: "... para quem resistiu às metralhadoras do bravo César Moreira (os jagunços não chamavam Moreira César) e o heroísmo de Febrônio de Brito, os dois mais falados pelos sobreviventes da tragédia de Canudos" (1). Na Bahia, segundo João da Silva Campos, também Moreira César é lembrado nas conversas sertanejas. Assim escreveu esse folclorista: "Tenho ouvido no Nordeste coisas mui curiosas, verossímeis e inverossímeis, estas em maioria, a respeito de Antônio Conselheiro, principalmente, e de Moreira César, bem como de outras figuras primaciais dos tristes acontecimentos que tiveram por palco as adustas e desoladas paragens onde se ergueu a cidade maldita, vergonhoso paradigma da ignorância e do retardamento mental dos nossos infelizes patricios do sertão" (2).

Pesquisas que realizamos, em Sergipe e na Bahia, durante muitos anos, confirmam, plenamente, as declarações de Xavier de Oliveira e Silva Campos. Existe, também, apreciável número de composições populares referentes ao malogrado comandante da 3.^a expedição contra Canudos, que bem merecem ser coligidas e comentadas.

O material poético, reunido no presente trabalho, é assaz expressivo. Os bardos do povo, na fase sangrenta da luta conselheirista, e posteriormente, de modo quase sempre apaixonado, versejaram a respeito do coronel de infantaria Antônio Moreira César, um dos soldados mais discutidos do Brasil.

FONTES IMPRESSAS

A presença de Moreira César no cancionero popular foi assinada, pela primeira vez, por Euclides da Cunha. Referindo-se à impressão deixada no espírito dos sertanejos pelas notícias espalhadas a respeito da singular personalidade do destemido militar, escreveu o autor de *Os Sertões*: "Imobilizou a atividade febril dos jagunços a síncope de um espanto extraordinário. Exagerava-se demais na distensão das mais extravagantes fantasias a temibilidade daquele. Era o Anti-Cristo, vindo jungir à derradeira prova os penitentes infelizes. Imaginavam-no herói de grande número de batalhas, catorze como especificou um rude poeta sertanejo, no canto que depois consagrou à campanha; e perfiguraram a devastação dos lares, dias de tortura sem nome, duríssimos tratos. Canudos dissolvido à bala, e a fogo, e à espada... Deram-lhe um apelido lúgubre, — Corta-Cabeças" (3).

Embora o escritor não houvesse esclarecido a referência, mesmo porque nenhuma quadra divulgou com o nome de Moreira César, sabemos que o "canto" mencionado é o *ABC das Incredulidades*, também conhecido por *ABC de Moreira César*, recolhido por Euclides da Cunha, constante de sua *Caderneta de Campo* (4), precioso inédito arquivado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em 1938, na *Gazeta de Notícias* (5) do Rio de Janeiro, Antônio Simões dos Reis publicou essa interessante composição da poética anônima, da qual demos edição comentada em 1969 (6).

Incidentalmente, antes do trabalho de Simões dos Reis, Afrânio Peixoto, a propósito da palavra "purga", documentou seu uso no meio do povo, com trova ouvida a um jagunço de Canudos, onde surgia o nome de Moreira César, acrescentando "para fixar lembrança que pode passar", três outras coplas do mesmo modo referentes ao malogrado comandante, uma das quais recolhida em artigo de Carneiro Monteiro para o *Correio de Campinas* (7). Na sua *História do Brasil na Poesia do Povo*, Pedro Calmon insere três quadras que lhe foram comunicadas por Afrânio Peixoto, simples variantes das publicadas em *Missangas* (8).

Também Geraldo Rocha, em artigo publicado na revista *O Mundo Ilustrado* (9), Mário de Andrade, no livro *Danças Dramáticas do Brasil* (10), e Nertan Macedo, no *Memorial de Vilanova* (11), trouxeram achegas ao cancionero popular de Moreira César.

De nossa parte, em mais de uma oportunidade, versamos o tema. Primeiramente, no opúsculo *Temas da Província* (12), editado em 1944; depois, em 1950, na tese *O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro* (13), apresentada à Faculdade de Filosofia da Bahia, e, ainda, em 1959, no ensaio intitulado *No Tempo de Antônio Conselheiro* (14), além do já referido *ABC de Canudos*.

LITERATURA DE CORDEL

Em três das obras de nossa opulenta literatura de cordel que tivemos ensejo de compulsar, deparamos grande número de versos dedicados à história de Moreira César em Canudos, onde perdeu a vida. O mais antigo dos três folhetos intitulado *A Guerra de Canudos*, sem indicação de autoria, local e época de edição, encontramos na biblioteca da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Uma publicação de 16 páginas, com 80 sextilhas, tendo na capa a figura de um soldado empunhando arma de fogo. Baseado em dados da vida do aedo anônimo, contidos nos próprios versos, julgamos haver identificado o autor, João Melchíades Ferreira da Silva, apelidado "o cantor da Borborema", paraibano, militar que participou da Campanha contra o Conselheiro, na fase da expedição Artur Oscar. A contribuição de Melchíades é valiosa no descrever, em versos fortes, o que presenciou, ou ouviu contar. Possivelmente o único depoimento rimado de participantes da refrega que a literatura de cordel produziu na área das forças legalistas. Sobre Moreira César, como apontaremos depois, menciona o que lhe disseram no teatro da luta, uma vez que não fez parte da 3.^a expedição (15).

Arinos de Belém, pseudônimo de José Esteves, publicou *História de Antônio Conselheiro (Campanha de Canudos)* (16). Segundo informações que me foram prestadas pelo saudoso confrade Bruno de Menezes, José Esteves, desaparecido aos 30 anos de idade, em seu Estado natal, o Pará, escreveu diversos folhetos, inclusive *O Testamento de Hitler, História do Homem de Sebo* (1944), *A Moça Cachorra ou o Poder de São Francisco* (1945). As sextilhas da *História de Antônio Conselheiro*, com capa ilustrada, teriam aparecido em 1940. Escrito cerca de cinquenta anos após os acontecimentos e mui distante do campo da luta, consigna apenas os principais episódios da Campanha, dando ênfase ao papel desempenhado pela polícia paraense, do mesmo modo que João Melchíades fizera em relação ao papel da tropa de linha paraibana. No livreto de Arinos, há, assim, um Moreira César conforme o figurino da literatura histórica, onde o poeta recolheu seus dados.

Melchíades e Arinos exaltam a bravura do coronel César e lamentam seu sacrifício pessoal. Jota Sara, ao contrário, condena e estigmatiza a ação e a figura do infortunado soldado. José

Ares, que se encobre no pseudônimo de Jota Sara, vive na região de Canudos. Homem inteligente, sabendo procurar água escondida no recôndito da terra, entendendo de grafologia e quiromancia, também é capaz de dedilhar sua lira e compor versos como os que escreveu para narrar a *História da Guerra de Canudos*, folheto com várias edições⁽¹⁷⁾. Sua longa narração (trabalho de 48 páginas, em versos de 7 pés) contém informações de livros e, sobretudo, notícias, ainda correntes no sertão, sobre a guerra fratricida de 1896-1897. Verdadeiro libelo contra Moreira César, o folheto de Jota Sara encerra uma terrível condenação, quando imagina o antigo governador militar de Santa Catarina, depois de morto, em presença de São Pedro.

*Moreira César foi ao céu
Com Tamarindo ao seu lado.
São Pedro falou assim:
O quê, cara de malvado.
Tamarindo entristeceu
São Pedro assim respondeu
Espere mais um bocado.*

*E disse a Moreira César
Pra seu ódio não há perdão
Foste orgulhoso no mundo
Não terá a salvação
Volte lá para a terra
Vá cuidar de sua guerra
No reino da escuridão⁽¹⁸⁾*

A MORTE DE MOREIRA CÉSAR

Algum cigano praguejou, por certo, quando ele nasceu: “Deus lhe dê o sossego que têm as ondas do mar”. Porque, em verdade, só praga de gajão, que o povo considera muito forte, poderia ter tido força suficiente para tornar tão inquieta a existência do coronel Moreira César. Tão desassossegada que não lhe deram repouso nem mesmo depois de sua morte trágica, nos arredores do Império do Belo Monte. As estrofes de Jota Sara, acima transcritas, refletem, ainda, o estado de espírito dominante nos dias angustiados da guerra de Canudos e que, até certo ponto, se conservou na memória sertaneja do presente. A imagem do “Anti-Cristo” referida por Euclides da Cunha teria permanecido através dos inúmeros anos que nos separam do evento doloroso. Não há perdão para Moreira César hoje, como não houve comiseração diante do seu fim dramático em 1897. Num meio como o nosso, sempre inclinado ao esquecimento do mal, quando a morte envolve no olvido as maiores ofensas, o caso de Moreira César é quase único. O heroísmo do seu desaparecimento no desenrolar de um combate frente a frente,

quando ele próprio arriscou e perdeu a vida, colocando-se na primeira linha da peleja, não foi suficiente para sequer amenizar o ódio que despertava. A cantiga popular da época, relativa ao coronel César, é toda ela eivada de sarcasmo, de ironia, de vingança, de ódio. Jamais um fim de vida foi tão satirizado. Nunca, em nosso País, uma morte foi tão festejada. Nenhum sentimento de piedade cristã elevou-se da alma sertaneja na hora crepuscular do inditoso comandante do 7.º Batalhão.

QUEM ERA O CORONEL CÉSAR

Paulista, nascera a 7 de julho de 1850. Sentara praça aos 19 anos e fora nomeado alferes-aluno em 1874. Por estudos obteve promoções a tenente e a capitão. Neste último posto, que alcançara em 1881, esteve envolvido num trágico evento. Participou do grupo de oficiais que, em 1884, numa via pública do Território Neutro, diante de autoridades estupefactas, sumariamente liquidou um panfletário temível, o diretor d'*O Corsário*, Apulcro de Castro. Na hora decisiva da reação de brios militares ofendidos, o capitão César teria sido o mais violento dos participantes, com a circunstância de ser o mais graduado de todos eles. Mandaram-no, como castigo, para o distante Mato Grosso, Jaguarão (RS) e de novo Mato Grosso, donde somente regressaria logo após a proclamação da República. O novo regime, em dois anos, com promoções por merecimento, elevou-o de capitão a coronel. Nesta fase, serviu na guarnição de Sergipe, onde se desentendeu com o presidente Vicente Ribeiro e veio a ser, na Capital baiana, fator decisivo para a queda do Governador José Gonçalves, que se conformara com o golpe de Estado do marechal Deodoro da Fonseca. Convictamente republicano, Moreira César formou na vanguarda daqueles que se opuseram ao 3 de novembro de 1891. Serviu lealmente ao governo de Floriano Peixoto, cabendo-lhe missão importante na defesa da Ilha do Governador, durante a revolta da esquadra comandada pelo almirante Custódio José de Melo. Lima Barreto, em um dos seus romances, recorda com simpatia a atuação do coronel como chefe militar da ilha⁽¹⁹⁾. Merecendo a confiança do Marechal de Ferro, foi designado, com poderes discricionários, para Santa Catarina, a fim de conter a revolução que vinha do Sul. Os atos por ele praticados nesta missão aterrorizaram a Nação. As mais fortes acusações foram feitas à sua pessoa. Apontado como responsável pelos fuzilamentos executados no Estado, sem o menor apoio legal, Moreira César passou a ser considerado um homem temibilíssimo pela violência dos seus atos e atitudes. Tornou-se símbolo da opressão do poder. Em torno da sua personalidade, veicularam-se as notícias mais terríveis, generalizando-se o consta de sua enfermidade incurável, que outra não era senão a epilepsia.

Terminando o período florianista, encerrada a campanha sangrenta dos Pampas — entrando o Brasil, portanto, na paz tão ardentemente almejada, somente em fins de 1896 tratou o governo civil de trazer para a Capital da República o então comandante do 7.º Batalhão, por todos reconhecido como oficial disciplinador e muito entendido nos misteres de sua profissão militar, ao ponto de ser julgado como um dos elementos mais capazes do Exército. Euclides da Cunha, que lhe traçou o perfil, sintetiza: “Era tenaz, paciente, dedicado, leal, impávido, cruel, vingativo, ambicioso” (20). Um companheiro de farda, o então tenente Henrique Duque Estrada de Macedo Soares, fixando aspecto marcante do ilustre cabo de guerra, escreveu: “Para ele não existiam obstáculos materiais. Os de ordem moral, arredava-os sem escrúpulos. Além das suas concepções, nada considerava: o que ordenasse, cumpri-lo-iam sem tardança; ou por completo destruiria quaisquer contrariedades, embora para isso necessário se tornasse o sacrifício de alguém” (21). Falando a respeito do seu combatido companheiro de farda, o tenente coronel Dantas Barreto enfatiza: “Era um fanático da República e por ela pouco se lhe davam os maiores sacrifícios, as tempestades de ódios com que muitas vezes tentaram fulminá-lo, em injúrias violentas que lhe arremessavam de longe, as próprias assembléias mais respeitáveis do país, como para abaterem-lhe o ânimo” (22).

O ÚLTIMO COMANDO

Os trechos acima transcritos evidenciam a situação de Moreira César perante a opinião pública brasileira, no instante conturbado da guerra de Canudos. O governo civil, no poder há dois anos, conseguira a pacificação nacional e alimentava esperança de restaurar as finanças públicas, quando lhe surgiu a complicada questão dos sertões da Bahia, onde se supunha que pobres sertanejos fanatizados punham em perigo a República de 1889, que o Marechal Floriano Peixoto, com sacrifício, consolidara. O pensamento dominante, em certa área presidencial, de que o regime estava novamente ameaçado fazia voltar ao primeiro plano certas figuras que a tranqüilidade político-militar ia afastando da cena. Era o caso de Moreira César, no início de 1897; sem evidência, exclusivamente voltado para os afazeres da sua unidade, apenas um batalhão de infantaria, sediado no Rio de Janeiro. Não alcançara, no governo Floriano, o posto de general e tudo indicava que Prudente de Moraes nunca o promoveria ao generalato. Teria, decerto, fim de carreira tranqüila, se não o perseguisse a praga do cigano. A derrota da 2.ª Expedição contra Canudos, quando se encontrava no exercício da Presidência o vice-presidente Manuel Vitorino, in-

interessado em suceder definitivamente a Prudente de Moraes, afastado por motivo de saúde; o grave incidente entre o Governador da Bahia, Conselheiro Luís Viana, e o comandante da guarnição federal, General Solon Ribeiro, a idéia da restauração monárquica em marcha foram os elementos que conduziram o governo a ir buscar o coronel Moreira César para seu derradeiro comando, o da 3.^a Expedição contra Canudos.

OS ÚLTIMOS DIAS DE MOREIRA CÉSAR

O anúncio de perigo à vista punha rapidamente em movimento o recém-designado comandante. Liquidaria em pouco tempo o foco monarquista do longinquo Vasa-Barris. Deslocar-se-ia, sem mais tardança, para o ponto conflagrado, sacrificando, em favor da rapidez da manobra, a própria segurança da missão guerreira. Confiava demasiado na sua própria capacidade de comandar e de agir. Durante a última jornada de sua existência, quase não ouviu ninguém. Bastava que suas ordens fossem cumpridas fielmente para ficar assegurado o bom êxito da ação empreendida. E aí daqueles que não o fizessem. . .

Fato singular → um mundo de boatos, de estórias, acompanhou a desventurada expedição. Mais do que nunca, registrou-se a exatidão do ditado: "tempo de guerra, mentira como terra". As estórias que cercam a missão de Moreira César comprovam a assertiva. Uma onda de pavor precedia e perseguia o destino da Coluna. Todos os fatos violentos, verdadeiros ou imaginários, que se haviam incorporados à biografia de Moreira César, voltavam à tona, como se houvessem sido praticados agora. Na ida do Rio de Janeiro aos arredores de Canudos, o famigerado oficial foi acusado de haver cometido as maiores tropelias. Prendeu o comandante do navio em que viajava, porque julgou que ele estava desviando a embarcação da rota; quis depor o Conselheiro Luís Viana ao desembarcar em Salvador; obrigou o vigário de Cumbe, Padre Sabino, a marchar na frente da tropa, quando foi atacar o arraial do Belo Monte, porque suspeitava das ligações do sacerdote com o grupo conselheirista. Desmentidos surgiram, oriundos de pessoas em condições de fazê-los, mas, mesmo assim, sem força para modificar o juízo que se imaginava da personalidade de Moreira César. O sertanejo atemorizou-se em face da imagem que lhe chegou do "Corta-Pescoço", do "Corta-Cabeça", do "Anti-Cristo" que, além de tentar liquidar o Bom Jesus Conselheiro, iria devastar os lares cristãos dos sertões baianos.

Seguindo integralmente seu destino, Moreira César desassossegou, até o instante final de sua vida, aqueles a quem combatia e aqueles a quem comandava. Conforme assegurou o major Rafael

Cunha Matos, seu subcomandante no 7.º Batalhão, nem os médicos da expedição, que assistiram manifestações da doença do comandante e diagnosticaram sua epilepsia, se sentiram com a segurança precisa para o pleno exercício da medicina⁽²³⁾. Ninguém dava ordens a Antônio Moreira César. Ninguém se sentia tranqüilo e seguro diante dele. Talvez, por isso mesmo, houvesse ganho visível de verdade a notícia segunda a qual a bala que o atingiu partira da própria tropa sob seu comando⁽²⁴⁾.

Logicamente, o clima que se criara em torno da sua figura, justificaria o tom que tomaram os versos referentes à morte do coronel César.

JOSÉ CALASANS BRANDÃO DA SILVA

- 1 Oliveira, Xavier de. *Beatos e cangaceiros*. Rio de Janeiro, s.c.p., 1920. p. 132.
- 2 Campos, João da Silva. Como um padre agoirou a morte de Moreira César. *Rev. de Inst. Geog. e Hist. da Bahia*. Salvador, 56: 433, 1930.
- 3 Cunha, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1902. p. 322.
- 4 Id. Caderneta de campo (Campanha de Canudos). Ms. Rio de Janeiro, Inst. Hist. e Geog. Bras., D 23, lata 353. (Of. do Dr. J. Ca Rodrigues, 1919).
- 5 Reis, Antonio Simões dos. O ABC de Moreira César. *Gazeta de notícias*. Rio de Janeiro, 22 jan. 1938.
- 6 Silva, José Calasans Brandão da. *O ABC de Canudos*. Salvador, Benedictina, 1969 (Comissão Baiana de Folclore, cadernos Antonio Viana, 3).
- 7 Peixoto, Afrânio. *Missangas*. São Paulo, Ed. Nacional, 1931. p. 57-8.
- 8 Calmon, Pedro. *História do Brasil na poesia do povo*. Rio de Janeiro, A Noite, s.d. p. 291.
- 9 Rocha, Geraldo. Canudos; história de três expedições. *O mundo ilustrado*. Rio de Janeiro, ano 1 (31): 3.
- 10 Andrade, Mário de. *Danças dramáticas do Brasil*. São Paulo, Martins, 1959. T 3, p. 61.
- 11 Macedo, Nertan. *Memorial de Vilanova*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964. p. 138.
- 12 Silva, José Calasans Brandão da. *Temas da província*. Aracaju, Liv. Regina, 1944. p. 47.
- 13 Id. *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*. Salvador, Benedictina, 1950. p. 63-80.
- 14 Id. *No tempo de Antônio Conselheiro*. Salvador, Liv. Progresso, s.d. p. 66-71. (Estudos brasileiros, 17)
- 15 Id. A guerra de Canudos. *Rev. bras. de folclore*. Rio de Janeiro, (14): 53-63, jan./abr. 1966.

16 Belém, Arinos de. *História de Antônio Conselheiro (Campanha de Canudos, narração completa suplemento de Guajarina)*. Belém, Ed. Francisco Lopes, s.d. — O folheto pertence à coleção de Orígenes Lessa, tendo sido copiado para mim por gentileza da folclorista Hildegardes Viana.

17 Sara, J. *História da guerra de Canudos. Biografia de Antônio Conselheiro. Sua vida em sua terra, o Ceará. Cocorobó destruirá Canudos e restabelecerá os Belos Montes*. 2.^a ed. Arraial Bendegó, Euclides da Cunha, 1957.

18 Ibid., p. 40-41.

19 Barreto, Lima. *O triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1971. p. 180.

20 Cunha, op. cit., p. 306, nota 3.

21 Soares, Henrique Duque Estrada de Macedo. *A guerra de Canudos*. Rio de Janeiro, Tip. Altina, 1902. p. 21.

22 Barreto, Emídio Dantas. *Destruição de Canudos*. Recife, Jornal do Recife Ed., 1912. p. 29.

23 Matos, Rafael Cunha. *Canudos. Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 25 nov. 1897.

24 Entrevista concedida pelo jagunço José Ciriaco, publicada no *Jornal da Bahia*. Salvador, 4 dez. 1960.